

O contato-improvisação é uma técnica de dança contemporânea criada por bailarinos americanos na década de 1970. Ela se baseia em movimentos improvisados praticados por duas ou mais pessoas, com ou sem música (mais comumente, sem) que procuram manter pontos de contato entre si, enquanto permanecem em conexão consigo mesmas e com a consciência corporal, focando-se na experiência imediata do corpo e criando novos modos de movimentação a partir daí.

Eu não sabia de nada disso até dois dias atrás. Se antes eu precisava de certezas, hoje ando me comprazendo em experiências completamente novas, das quais não sei nada antes de vivenciá-las. No domingo passado eu tive a oportunidade de viver mais uma delas, ao participar de uma prática de contato-improvisação no Rio de Janeiro.

É sempre bastante estranho chegar pela primeira vez em um lugar totalmente novo, com pessoas absolutamente novas, numa cidade que não é a minha. Estranheza, estranho, estrangeiro: todas palavras que têm a mesma origem, no latim. *Extraneus* é o que é de fora (de mim?), desconhecido, não-familiar. Edmond Jabès, poeta egípcio de origem judaica, escreveu:

*Você é o estrangeiro. E eu?
Eu sou, para você, o estrangeiro. E você?
A estrela, sempre, será separada da estrela; isso
apenas as avizinha: a vontade de brilhar juntas.*

*Nômade ou marinheiro, sempre você, entre o estrangeiro e o
estrangeiro, há - mar ou deserto - um espaço delimitado pela
vertigem à qual ambos sucumbem. Viagem na viagem.*

A princípio, antes de escolhermos nos abrir à familiaridade, somos sempre estrangeiros uns dos outros. Muitas vezes, continuamos indefinidamente nesta condição. Estrelas com vontade de brilhar juntas, qual é a vertigem à qual sucumbimos e que finalmente nos reúne como viajantes do mesmo espaço? Talvez nossa humanidade compartilhada seja a resposta. Como acessá-la? Descobri no contato-improvisação um jeito bastante poderoso para me ajudar a responder a isso.

Um espaço bonito, aconchegante. Pessoas que me acolheram rapidamente. Ao entrar na sala, sem saber bem o que fazer, o que esperar, sentei-me e fiquei observando. Logo a pessoa que havia me convidado para o evento se aproximou e me instruiu: eu poderia ficar próxima das paredes, observando, alongando e aquecendo o corpo e, se e quando sentisse vontade, me juntar às pessoas que já dançavam no centro. Continuei olhando, fascinada, as pessoas que se moviam. Em breve, um gesto, como um convite. Aceitei, ainda timidamente. E o diálogo se estabeleceu. Sem palavras, corpos respondendo aos mútuos estímulos, gestos que se espelhavam, se imitavam, criavam novas configurações, se harmonizavam e se contradiziam. Movimentos orgânicos, em conexão com as presenças que se manifestavam, cada vez mais plenas, conforme nos entregávamos à experiência, imersos na esfera do inter-humano, na definição de Buber. Para este filósofo, o ser que se oferece ao encontro é aquele que pode se defrontar com o outro no mundo da relação. E é nesta relação genuína, de abertura radical à alteridade e de disponibilidade para que o outro se desvele tal como é que, segundo ele, encontramos nossa liberdade e nosso destino enquanto humanos.

Assim, me permiti desfrutar da deliciosa sensação de me dissolver no misterioso espaço da relação, onde não há mais “eu” e “tu”, mas apenas “nós”. E então já não havia mais estrangeiros: somente humanidade corporificada em movimento, fluxo e calor.